

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE VIOLÊNCIAS: SEU ESTADO DA ARTE E UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DE EXPERIÊNCIA SOCIOEDUCATIVA EM SÃO GONÇALO-RJ

Lucas Salgueiro Lopes¹
Arthur Vianna Ferreira²

Resumo: Este estudo aborda as representações sociais de violências, analisando o estado atual das pesquisas em Teoria das Representações Sociais (TRS) sobre esse fenômeno, e um estudo de caso em um projeto socioeducativo no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo-RJ. A pesquisa se fundamenta na necessidade de compreender as representações sociais da violência em contextos desafiadores marcados por desigualdades socioeconômicas e pela presença de altos índices de violências e criminalidade. O embasamento teórico inclui, sobretudo, os campos da Psicologia Social, Sociologia e Educação. Os objetivos principais foram: discutir a relação entre o fenômeno das violências a partir da Teoria das Representações Sociais; analisar a produção atual acerca das representações sociais de violências no Brasil; apresentar, como estudo de caso, alguns dos resultados principais de uma pesquisa acerca das representações sociais de violências realizada em um projeto socioeducativo em São Gonçalo. A metodologia envolveu pesquisa bibliográfica qualitativa – estado da arte – e a análise retórico-filosófica do discurso para desvelar as representações almeçadas a partir dos diários de campo e entrevistas semiestruturadas. Os resultados revelaram lacunas na pesquisa acadêmica sobre representações sociais de violência, destacando a necessidade de investigações mais aprofundadas, especialmente em contextos pouco explorados como o estado do Rio de Janeiro e territórios favelados. As práticas socioeducativas observadas refletem as complexas representações de violência, destacando a percepção de desvio e ações de mitigação por parte dos educadores

-
- 1 Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ), onde se encontra atualmente como bolsista da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Possui Mestrado em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais pelo PPGEdu da FFP/UERJ. É membro e gestor do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão Fora da Sala de Aula (UERJ-FFP). E-mail: salgueirollucas@gmail.com.
 - 2 Doutor em Educação: Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor efetivo do Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos formativos e desigualdades sociais (UERJ/FFP). Pesquisador associado da Fundação Carlos Chagas (FCC-SP). Coordenador-Pesquisador do Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão Fora da Sala de Aula (UERJ/FFP). E-mail: arthuruerjffp@gmail.com.

-- ARTIGO RECEBIDO EM 23/09/2024. ACEITO EM 05/11/2024. --

sociais. Conclui-se que as violências diretas e estruturais são amplamente reconhecidas, indicando desigualdades significativas na vida dos residentes do local investigado.

Palavras-chave: Representações Sociais; Violências; Práticas socioeducativas; análise estado da arte.

SOCIAL REPRESENTATIONS OF VIOLENCE: ITS STATE OF THE ART AND A CASE STUDY FROM SOCIO-EDUCATIONAL EXPERIENCE IN SÃO GONÇALO-RJ

Abstract: This study addresses the social representations of violence, analyzing the current state of research in Social Representations Theory (SRT) on this phenomenon and presenting a case study from a socio-educational project in the Salgueiro Complex, São Gonçalo-RJ. The research is based on the need to understand social representations of violence in challenging contexts marked by socioeconomic inequalities and high levels of violence and crime. The theoretical foundation primarily includes the fields of Social Psychology, Sociology, and Education. The main objectives were to: discuss the relationship between the phenomenon of violence from the perspective of Social Representations Theory; analyze the current body of work on social representations of violence in Brazil; and present, as a case study, some of the main findings from research on social representations of violence conducted within a socio-educational project in São Gonçalo. The methodology involved qualitative bibliographic research – a state-of-the-art review – and rhetorical-philosophical discourse analysis to uncover the targeted representations based on field diaries and semi-structured interviews. The results revealed gaps in academic research on social representations of violence, highlighting the need for more in-depth investigations, especially in underexplored contexts such as the state of Rio de Janeiro and favela territories. The observed socio-educational practices reflect the complex representations of violence, underscoring perceptions of deviation and mitigation actions by social educators. It is concluded that direct and structural violence is widely recognized, indicating significant inequalities in the lives of local residents in the investigated area.

Keywords: Social Representations; Violence; Socio-educational Practices; State of the Art Analysis.

INTRODUÇÃO

A compreensão da violência não se limita à sua manifestação física ou a uma interpretação unidimensional. Ela abarca um espectro vasto de significados construídos socialmente e contextualizados por experiências individuais e coletivas. Nesse sentido, as representações sociais emergem como um campo de estudo crucial para desvelar as complexidades que envolvem as violências em diferentes contextos.

Para além disso, tanto o entendimento acerca das manifestações violentas em ambientes educativos, quanto as representações partilhadas por educadores em relação a essas violências, nos ajudam a compreender as formas como os processo de ensino-aprendizagem se dão em contextos como esses. Desse modo, percebemos como a Educação e o ensino, como um todo, são influenciados (e influenciam) por diversos fenômenos e contextos sociais, entendidos a partir dos mais diversos campos do conhecimento.

Assim, a presente pesquisa mergulha nas representações sociais de violências, explorando-as de dois modos: primeiramente, realizando uma pesquisa bibliográfica do tipo “estado da arte”, para melhor compreender o estágio atual das pesquisas em Teoria das Representações Sociais (TRS) acerca das violências; segundo, a partir de um estudo de caso com base numa pesquisa finalizada em 2023, investigando uma experiência socioeducativa no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo-RJ.

Quanto as justificativas para realizar tal pesquisa, alguns elementos são essenciais para serem destacados. Em primeiro lugar, a escolha por estudar representações sociais se coloca num paradigma atual nos debates teóricos acerca da violência. Podemos notar que o termo violência se encontra ainda em plena construção de sentido e, dadas tamanhas dificuldades em compreender sua abrangência, alguns autores da área preferem tratar a violência como representação social, e não como conceito fechado (Misse, 2016).

Somado a isso, trazendo à tona a Teoria das Representações Sociais, vê-se com maior possibilidade de uma melhor compreensão desse fenômeno, uma abordagem sociopsicológica. Por fim, a preferência pelas práticas não escolares para abordar essa problemática parte da ideia da educação como local de mediação entre o individual e o social, onde se aprendem modelos de convivência, valores morais e culturais, permitindo assim, propiciar transformações sociais.

Desse modo, o presente artigo tem como objetivos principais: discutir a relação entre o fenômeno das violências a partir da Teoria das Representações Sociais; analisar a produção atual acerca das representações sociais de violências no Brasil; apresentar, como estudo de caso, alguns dos resultados principais de uma pesquisa acerca das representações sociais de violências realizada em um projeto socioeducativo em São Gonçalo, município periférico, localizado na região metropolitana do Rio de Janeiro, tendo a 16ª maior população do Brasil.

Para tanto, estruturamos este artigo, em sua sequência, da seguinte maneira: delimitação dos principais procedimentos metodológicos que ampararam a realização dessas pesquisas; debate teórico acerca das relações entre a Teoria das Representações Sociais e as violências; levantamento do tipo estado da arte a partir do objeto “representações sociais de violência” no recorte até 2023; apresentação de resultados de estudo de caso no campo da TRS tendo como objeto as representações sociais de violências em projeto socioeducativo; conclusões e considerações finais a partir do estado da arte e do estudo de caso apresentados.

METODOLOGIA

Para os resultados apresentados na seção seguinte, a metodologia adotada para este estudo se baseia no modelo de estado da arte, que busca não apenas identificar as manifestações diretas de violência, mas também compreender suas diversas formas e como são percebidas pelos diferentes grupos sociais. A pesquisa em estado da arte, também conhecida como pesquisa de estado do conhecimento, tem sido

amplamente realizada nos últimos anos, constituindo um conjunto significativo de estudos.

Essas pesquisas são de natureza bibliográfica e compartilham o objetivo de mapear e discutir a produção acadêmica em diversos campos do conhecimento. Elas buscam identificar os aspectos e dimensões destacados ao longo do tempo e em diferentes contextos, analisando dissertações, teses, publicações em periódicos e comunicações em eventos acadêmicos (Ferreira, 2002). O conceito de estado da arte na revisão bibliográfica em pesquisas científicas levanta questões fundamentais sobre a compreensão e relevância de um tema, identificando lacunas, contradições e abordagens metodológicas diversas na produção do conhecimento.

Iniciamos com um levantamento em repositórios acadêmicos nacionais, como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando como palavras-chave “representações sociais de violência(s)”. No BDTD, encontramos nove trabalhos relacionados, dos quais selecionamos aqueles que adotaram a Teoria das Representações Sociais como referencial teórico e investigaram o fenômeno da violência de forma ampla.

No entanto, nenhum desses trabalhos abordou o estado do Rio de Janeiro como foco de investigação, e apenas uma pesquisa relacionou as representações sociais de violência com o campo da Educação. No Catálogo da CAPES, encontramos pesquisas adicionais que não estavam na BDTD, ampliando nossa visão sobre o tema. Também conduzimos uma busca no Google Scholar e na plataforma SciELO - Brazil, identificando artigos que complementaram nossa análise.

Para o estudo de caso aqui apresentado, oriundo de pesquisa realizada durante os anos de 2021 e 2023 – parte da dissertação de Mestrado em Educação (Lopes, 2023) defendida no último ano – em um projeto socioeducativo no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo-RJ, utilizou-se como ferramentas de pesquisa as entrevistas semiestruturadas e a escrita de diários de campo relatando as visitas ao projeto selecionado. Durante o período em que foi feito o trabalho de campo na instituição, realizando observações e entrevistas entre junho e agosto de 2021, foram geradas, ao todo, cerca de 80 páginas de diário de campo; quanto às entrevistas executadas, foram ouvidas 10 educadoras e educadores, totalizando quase 8h de gravação. O principal critério de escolha das entrevistadas foi a longevidade dos educadores no projeto, dando preferência para as pessoas que possuíam, paralelamente, funções de direção ou coordenação na instituição.

Considerando que, naturalmente, nem tudo que o entrevistado diz tem de ser tomado como “verdade absoluta” durante as entrevistas realizadas, entendemos ser necessário “confrontar” os pontos de vista comunicados pelos educadores com outros olhares e práticas no campo. É nesse sentido que se utiliza como procedimento metodológico, também, a escrita dos referidos diários com base na observação (participativa) de campo inspirada na fenomenologia de Husserl (2020).

Já para analisar o material levantado, buscando as possíveis representações sociais de violências, têm-se a análise retórico-filosófica do discurso, inspirada nos estudos iniciais de Aristóteles (2015), desenvolvida por Reboul (2004) e aplicada

posteriormente à Teoria das Representações Sociais por Mazzotti (2003). A arte da retórica, segundo o filósofo grego Aristóteles, seria a outra face da dialética, entendida como “a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (2015, p. 62).

Assim, com base nesse campo, a análise fundamentou-se nas estruturas retóricas e nos gêneros discursivos elaborados por Aristóteles, buscando identificar o que Reboul (2004) caracterizou como figuras retóricas. A partir da organização dos discursos encontrados por meio dos diários de campo e das entrevistas, existe a possibilidade de se aproximar das diversas figuras presentes durante o processo argumentativo, podendo, dessa maneira, condensar os modelos figurativos das representações sociais (Mazzotti, 2003).

A(S) VIOLÊNCIA(S) E A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Os estudos acerca das violências na atualidade precisam levar em conta alguns aspectos específicos. Em primeiro lugar, entendemos que as violências precisam ser entendidas conforme suas configurações históricas, culturais e contextuais. Decorrente disso, num cenário investigativo de tantas complexidades, inferimos que o fenômeno da violência, como objeto de estudo, pode ser mais bem compreendido quando tratado não como um conceito, mas como uma representação social, que varia conforme as dinâmicas específicas de cada inserção societal.

Desse jeito, propomos – inicialmente em Lopes e Ferreira (2021) – que, na modernidade, as expressões violentas poderiam ser decorrentes de quatro tipos: (1) a *violência direta*; 2) a *violência estrutural*; 3) a *violência cultural*; 4) e a *violência da positividade*. Os referenciais teóricos que nos levaram a chegar nessa ideia são provenientes, sobretudo, das contribuições do sociólogo norueguês Galtung (2016) e do filósofo sul-coreano Han (2017b).

Principiando por Galtung (1969), concebemos inicialmente que, minimamente, a violência pode ser dividida em *direta* e *estrutural* (ou *indireta*). Sobre esse primeiro tipo, quando há uma agressão frontal e aparente ao outro, se tem como característica mais marcante ser sempre visível, o que faz com que possamos afirmar essa violência como a de mais fácil reconhecimento no senso comum.

Já a violência de tipo estrutural é caracterizada pela exploração, pelas chances desiguais inseridas numa dada estrutura social; ou seja: “is built into the structure and shows up as unequal power and consequently as unequal life chances” (Galtung, 1969, p. 171). Esse segundo tipo de manifestação violenta também estaria, diferentemente da *violência direta*, para alguns autores, numa situação *menos visível* ou mesmo *invisível*, para outros – como visto em Amaral (2015, p. 105).

No entanto, como pudemos perceber a partir de pesquisa anterior (Lopes, 2023) realizada com educadores atuantes no Complexo do Salgueiro, que teve como objetivo identificar as representações sociais de violências desse grupo, não só a *violência direta*, mas também a *violência estrutural* presente naquele contexto foi percebida (e representadas dessa maneira) pelos sujeitos investigados. Isso mostra,

com base num estudo empírico, que em situações mais extremas de desigualdade, até mesmo violências que, supostamente, seriam mais “ocultas” na sociedade, podem passar a ser vistas por aqueles que convivem nesse ambiente.

Todavia, ainda que tal estudo possa mostrar um “avanço” ao apresentar grupos de educadores que já percebem (como um problema social) a existência dessa exploração violenta de tipo estrutural, ele ainda nos alertou sobre um ponto alarmante: violências dos tipos culturais e da positividade apareceram pouco no material de pesquisa, não tendo tido recorrência para serem consideradas representações sociais naquele grupo (Lopes, 2023, p. 193).

Décadas depois de dividir a violência em *direta* e *estrutural*, em reflexões do mesmo Galtung (1990), foi adicionada ainda a categoria *violência cultural*, simbólica, para apontar determinados aspectos culturais que legitimam as outras violências. Para o sociólogo, esse terceiro tipo poderia ser visto como uma “continuação” da *violência estrutural*, tendo como característica elementar servir de legitimação para as *violências diretas* ou *estruturais* (Galtung, 2016, p. 149). De forma mais objetiva, Galtung define:

By ‘cultural violence’ we mean those aspects of culture, the symbolic sphere of our existence - exemplified by religion and ideology, language and art, empirical science and formal science (logic, mathematics) – that can be used to justify or legitimize direct or structural violence.’ (...) The features mentioned above are ‘aspects of culture’, not entire cultures. (...) Entire cultures can hardly be classified as violent; this is one reason for preferring the expression. ‘Aspect A of culture C is an example of cultural violence’ to cultural stereotypes like ‘culture C is violent’. (Galtung, 1990, p. 291).

Finalmente, incluímos em nossa reflexão a chamada *violência da positividade*, sistêmica (e não estrutural), proposta por Han (2017b) para delimitar a manifestação violenta de “nós contra nós mesmos” dos tempos atuais, decorrente de uma vida orientada para uma superprodução, e manifestada pelo desgaste das relações e pelo cansaço psíquico (Han, 2017a). Para o filósofo, essa violência se manifesta não mais produzindo um “imperativo de negatividade” – como no caso das violências identificadas por Galtung –, mas pela positividade do ser e agir, caracterizando-se na “exaustão do tudo poder” e se manifestando contra o aparelho psíquico dos indivíduos.

Ainda que essas violências coexistam em nossa realidade, não necessariamente todas elas são identificadas (e representadas) por todos os grupos sociais, em qualquer contexto. Por isso, também notamos aqui a importância das pesquisas com base na Teoria das Representações Sociais, onde podemos entender como cada grupo tem vivenciado tais situações e quais significados têm atribuído a tais violências. Mais ainda, vislumbramos que uma abordagem societal da TRS, priorizando o entendimento dessas representações a partir das dinâmicas sociais, integrando nas suas investigações “hipóteses sobre os modos de funcionamento da sociedade e dos modos de funcionamento individuais” (Doise, 2002, p. 33), pode nos indicar como tais explicações partilhadas por um grupo afeta seus comportamentos frente às violências.

Esses quatro tipos de violências, embasados pela experiência de Lopes (2023), são, apesar disso, vivenciados e representados de maneiras distintas em cada grupo social ou sociedade específica. Por isso, são elas modelos de representações sociais, não conceito – como explicitado anteriormente. Mas o que significa tratar a violência como representação social? Ao falar de representação social aqui, nos referimos ao conceito proveniente do campo da Psicologia Social, mais especificamente, a partir da Teoria das Representações Sociais preconizada por Moscovici no início dos anos 1960 (Moscovici, 1978).

Nesse panorama, o psicólogo social romeno “se filia” à corrente de pensamento sociopsicológica, onde, reorientando o conceito de “representações coletivas” de Émile Durkheim, apresenta as “representações sociais” como “uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos” (Moscovici, 2015, p. 46), possuindo uma função cognitiva de “tornar familiar aquilo que não é familiar” (p. 54).

Denise Jodelet, uma das primeiras e mais importantes autoras a desenvolver a TRS após Moscovici, trouxe importantes acréscimos ao campo. Reafirmando as representações sociais como fenômenos ativos, que agem na vida social dos indivíduos (Jodelet, 2001, p. 22).

Dentre os processos variados que as representações sociais intervêm, Jodelet menciona o desenvolvimento de atitudes, fato que é ainda mais enfático na obra de Doise (2001) – precursor da abordagem societal da TRS e principal referência desse campo em nosso estudo de caso apresentado –, ao reiterar que as pesquisas em representações sociais mostram “um caminho para integrar aos estudos de sistemas individuais de atitudes aqueles que tratam dos sistemas sociais de relação” (Doise, 2001, p. 189).

O ESTADO DA ARTE ACERCA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE VIOLÊNCIA(S)

Como destacamos desde a Introdução deste artigo, o entendimento que temos de *violência(s)* aqui se faz de modo ampliado, saindo de explicações que consideram apenas suas manifestações diretas como legítimas de serem investigadas/combatidas. Nesse sentido, reiteramos a importância não só de identificar, por meio da teoria e de pesquisa bibliográfica, outras formas de violências – para além do tipo *direto* –, mas também de desvelar, empiricamente, como cada grupo entende e representa a violência em seus cotidianos. Por isso a Teoria das Representações Sociais se faz pertinente para os objetivos desta pesquisa, embora tal perspectiva ainda não seja a mais comum, como percebemos ao fazer um levantamento em alguns repositórios acadêmicos de âmbito nacional.

Ao realizarmos uma busca na “*Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações*” (BDTD), em julho de 2023, visando pesquisas que tiveram como foco principal de estudo “representações sociais de violência(s)”, encontramos nove resultados em todo o país. O termo pesquisado foi “representações sociais

violência”, englobando “todos os campos” da plataforma. Dentre esses resultados, consideramos apenas as pesquisas que tinham como referencial teórico a Teoria das Representações Sociais (independentemente da abordagem escolhida ou da área de concentração) e como objeto principal o fenômeno da(s) violência(s) – excluindo, assim, investigações mais específicas, como as que tratavam de “representações de violência de gênero”, “representações de violência na escola”, “representações de violência policial” etc. Dessa maneira, foram observados os seguintes trabalhos:

Tabela 1 – Pesquisas acerca das “representações sociais de violência(s)” presentes na BDTD

Ano	Título	Autor(a)	Tipo
2010	Aqui tem violência?: as representações sociais de violência urbana dos moradores da Ceilândia	Jêniffer Carla de Paula	Dissertação
2010	Juventudes e políticas em debate: representando a violência	José Orlando Carneiro Campello Rabelo	Dissertação
2011	Estudo sobre representações sociais de violência e tipos de violência no distrito de Itaquera - São Paulo por meio de grupos focais	Maria Adelina França	Dissertação
2011	Representações sociais de violência urbana para policiais civis da cidade do Recife	Luciana Ferreira de Almeida	Dissertação
2013	Representações sociais de violência e sua relação com qualidade de vida na perspectiva de mulheres	Luciene Silva Campos	Dissertação
2016	As representações sociais da violência urbana: camadas médias e operárias da cidade de Goiânia	Adrienny Pereira Tinoco	Dissertação
2018	“O que vem do outro”: representações sociais de professores do ensino fundamental sobre violência	Monique Maria Marques Machado	Dissertação
2019	Representações sociais da violência para pessoas em situação de rua	Mariana Luíza Becker da Silva	Dissertação
2020	“Tudo é violência, viver é violência”: representações sociais de mulheres em situação de rua na Regional Centro-Sul de Belo Horizonte/mg sobre violência	Sérgio Rosa Neves Temponi	Dissertação

Fonte: Autor (2024).

Dessas pesquisas encontradas, *todas* eram dissertações de mestrado e *nenhuma* teve como recorte espacial de investigação o estado do Rio de Janeiro. Apenas um desses trabalhos (Machado, 2018) relacionou as representações sociais de violências com o campo da Educação. Nessa mesma quantidade, apenas Rabelo (2010) utilizou as perspectivas da abordagem societal da TRS em seu trabalho. Também

não tiveram pesquisas que atuaram em espaços entendidos como favelas e nem trabalhos provenientes de teses de doutorado encontradas nessa busca.

Após isso, realizamos nova pesquisa, com os mesmos parâmetros da anterior, no “*Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES*”. Lá, foram encontradas pesquisas que não haviam sido mapeadas no primeiro repositório, especialmente, provenientes de dissertações de mestrado mais antigas. Os resultados seguem abaixo, considerando apenas os trabalhos que não apareceram no levantamento anterior:

Tabela 2 – Pesquisas acerca das “representações sociais de violência(s)” presentes no Catálogo de Teses e Dissertação da CAPES

Ano	Título	Autor(a)	Tipo
1999	A construção do significado da violência pelos adolescentes de Brasília	Alessandra Terra Magagnim	Dissertação
2000	Representações sociais de violência: a visão da criança e do adolescente	Kátia Carvalho Figueiredo	Dissertação
2002	Representações Sociais dos Adolescentes sobre a Violência	Maria Beatriz Ribolla	Dissertação
2003	Policial 24 horas: um Estudo sobre representação social da violência e identidade entre policiais civis do Distrito Federal	Vânia Cristine Cavalcante Anchieta	Dissertação
2003	O adolescente e a violência: uma análise da configuração de sentidos do adolescente sobre o fenômeno da violência	Beatriz Akemi Takeiti	Dissertação
2006	Os jovens e suas representações sociais de violência	Álvaro Cabral da Silva	Dissertação
2016	Juventude e Violência na Compreensão de Jovens: Um Estudo sobre Representações Sociais.	Suzyelaine Tamarindo Marques da Cruz	Dissertação

Fonte: Autor (2024)

Diante de tais pesquisas, mais algumas impressões acerca das investigações acerca dessa temática são desveladas. A primeira delas é a predominância do estudo dessas representações sociais a partir da perspectiva de grupos de jovens/adolescentes. Outro destaque relevante é a maior presença de pesquisas desse tipo no Distrito Federal, sobretudo, em Brasília. Por fim, ainda quanto a questão espacial, nota-se, assim como no levantamento a partir da BDTD, a pouca incidência de pesquisas no Rio de Janeiro; nesse caso, apenas uma foi encontrada, de Silva (2006). Novamente, não foram identificadas pesquisas em nível de doutorado.

Buscando diversificar as investigações encontradas – e assim possibilitar uma maior perspectiva sobre os trabalhos já realizados sobre esse objeto –, buscamos também, a partir do “*Google Scholar*”, artigos que tratassem desse mesmo problema de pesquisa, as “representações sociais de violência” (termo utilizado nas buscas desse repositório). Os resultados encontrados foram os seguintes:

Tabela 3 – Artigos acerca das “representações sociais de violência(s)” presentes no “*Google Scholar*”

Ano	Título	Autor/as/es
2002	Representações sociais de jovens sobre violência e a urgência na formação de professores	Vera Maria Nigro de Souza Placco
2005	A favela e seus moradores: culpados ou vítimas? Representações sociais em tempos de violência	Luciene Alves Miguez Naiff e Denis Giovani Monteiro Naiff
2007	Adolescentes na escola: representações sociais sobre violência	Maria Beatriz Ribolla e Geraldo Antonio Fiamenghi Jr.
2012	Representações Sociais sobre Juventude e Violência	Ana Lúcia Galinkin, Angela Maria de Oliveira Almeida e Vânia Cristine Cavalcante Anchieta
2013	Representações sociais da violência em professores da escola pública	Alexandre da Silva de Paula, Sérgio Kodato e Francielle Xavier Dias
2014	Representações sociais sobre a violência em egressos do sistema prisional	Thalita Mara Santos e Eleusa Gallo Rosenberg
2018	Representações sociais de violência	Maria Adelina França

Fonte: Autor (2024).

Percebemos a partir dos artigos encontrados alguns recortes interessantes. Diferente das dissertações apresentadas na primeira tabela, tais pesquisas dialogam mais com o campo da Educação – como nos casos de Placco (2002), Ribolla e Fiamenghi Jr. (2007), Galinkin, Almeida e Anchieta (2012) e Paula, Kodato e Dias (2013). Outro destaque importante é o artigo de Naiff e Naiff (2005), que possuem a favela – e São Gonçalo-RJ – como *lôcus* investigativo. Todavia, algumas faltas, que visamos dar conta na presente pesquisa, ainda se encontram nesses trabalhos, como é o caso do pouquíssimo diálogo desses artigos com a abordagem societal de Willem Doise, que prioriza as dinâmicas e os aspectos sociais em sua perspectiva. Da mesma forma, cabe ressaltar o número dessa amostragem de trabalhos (apenas sete artigos), sua extensão curta (por se tratarem de trabalho publicados em revistas acadêmicas específicas, todos esses artigos possuem entre 9 e 20 páginas, apenas) e suas datas de publicação, onde a maior parte foi publicado há mais de 10 anos, quando o próprio contexto da violência no Brasil era outro.

Por fim, para complementar o que foi encontrado nesses textos, presentes no “*Google Scholar*”, realizamos ainda uma busca na plataforma “*SciELO – Brazil*”, onde pudemos fazer o levantamento de mais cinco “novos” artigos em periódicos. São eles:

Tabela 4 – Artigos acerca das “representações sociais de violência(s)” presentes no “*SciELO – Brazil*”

Ano	Título	Autor/as/es
2006	Crenças, valores e representações sociais da violência	Maria Stela Grossi Porto
2007	Norma social violenta: um estudo da representação social da violência em adolescentes	Silvia Pereira Guimarães e Pedro Humberto Faria Campos
2009	Brasília, uma cidade como as outras? Representações sociais e práticas de violência	Maria Stela Grossi Porto
2010	Representação social da violência: estudo exploratório com estudantes de uma universidade do interior do estado de São Paulo	Adriana Leonidas Oliveira, Edna Maria Oliveira Querido Chamon e Aline Gomes Cazarim Mauricio
2019	O território e as implicações da violência urbana no processo de trabalho dos agentes comunitários de saúde em uma unidade básica	Juliana Feliciano de Almeida, Maria Fernanda Tourinho Peres e Thais Lima Fonseca

Fonte: Autor (2024)

Acerca desses últimos artigos encontrados, podemos adicionar mais dois pontos com base na revisão bibliográfica realizada. Em Porto (2006), achamos o único desses trabalhos que tem como objetivo realizar uma análise teórica das representações sociais enquanto possibilidade para melhor compreendermos o fenômeno da violência. No trabalho mais recente dessa lista, de Almeida, Peres e Fonseca (2019), pudemos perceber, ainda, uma área de conhecimento diferente que o tema das representações sociais de violências pode dialogar, a Saúde, pensada nesse trabalho a partir dos agentes comunitários atuantes em uma unidade básica.

Para além das investigações anteriormente citadas, ainda poderíamos citar mais dois artigos que, tendo a “pesquisa em violência” como base, acabam se referindo ao campo da Teoria das Representações Sociais como lugar privilegiado para compreender esse fenômeno na atualidade. O primeiro, da já mencionada Porto (2015), e o segundo do também importante pesquisador do tema, Misse (2016). Em Porto (2015), a autora rememora um pouco de sua própria trajetória de pesquisa tendo o fenômeno da violência como objeto principal. Assim, a pesquisadora afirma que a TRS, inicialmente, se colocava para ela como uma “forma a mais” para se investigar as manifestações empíricas da violência, e que, apenas depois, ela passou a levar em conta, distinguindo fenômeno e representação, essa teoria como instrumento teórico-metodológico (Porto, 2015, p. 23) próprio.

Misse (2016), por sua vez, acrescenta que, diante das complexidades dos estudos acerca da violência na atual teoria social, o entendimento desse fenômeno como “representação social” poderia ser uma vantagem. Desse jeito, o autor prefere

[...] tratar a violência não como um conceito, mas como representação social, como parte do objeto. É uma solução pragmática, sem dúvida, mas que tem a

vantagens de não buscar fechar em um significado unívoco ou naturalizado os usos da violência na pesquisa empírica. (Misse, 2016, p. 59).

Dessa maneira, podemos citar como conclusões gerais a partir dessa revisão bibliográfica do tema “representações sociais de violências” considerando pesquisas de pós-graduação *stricto sensu* e artigos acadêmicos publicados no Brasil: (1) *ausência de pesquisas mais aprofundadas, em nível de doutorado*; (2) *a pouca eminência de investigações com o recorte espacial do estado do Rio de Janeiro*; (3) *a baixíssima incidência de pesquisas em territórios favelados - que de forma contraditória, corriqueiramente, são representados pelo senso comum como “espaços violentos”*; (4) *a utilização reduzida da abordagem societal como perspectiva da Teoria das Representações Sociais*.

UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DE SÃO GONÇALO-RJ

Considerando alguns aspectos encontrados a partir da investigação anteriormente descrita, especialmente a pouca incidência de pesquisas acerca das representações sociais de violência(s) no Rio de Janeiro e a baixa utilização da abordagem societal em pesquisas ligadas à TRS, apresentamos aqui, como estudo de caso, os resultados de uma pesquisa oriunda de dissertação de mestrado em Educação defendida em 2023. Essa pesquisa, que teve a perspectiva de Willem Doise como principal referência teórica das representações sociais, investigou os saberes partilhados acerca das violências por educadores de um projeto socioeducativo no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo-RJ.

As representações sociais de violências compartilhadas pelos educadores investigados possuem um núcleo figurativo que pode ser denominado a partir da metáfora “uma curva numa reta”, que tem como significado principal a noção de que as violências funcionam como um “desvio” de uma normalidade. A metáfora que utilizamos para designar esse nosso núcleo é parte de uma declaração de “Educador A”, diretor e fundador da organização analisada, em sua entrevista concedida. Também a inserção específica de “Educador A” no instituto é de grande relevância aqui, visto que, por seu status, suas posições acabam sendo mais influentes dentro desse grupo social. Isso faz parte da terceira hipótese basilar da abordagem societal, levando em conta as outras realidades simbólicas que os indivíduos de um grupo fazem parte. Veja o trecho no qual o diretor explica o porquê de as violências serem vistas como desvio para ele:

Trecho de entrevista com “Educador A”. Local: Projeto socioeducativo – Complexo do Salgueiro. Data: 05/06/2021 às 11h.

Lucas: A gente tá falando bastante que tá num local violento, que a violência atrapalhou nesse sentido seu trabalho, mas, o que é a violência?

“Educador A”: Então, violência é... aquilo... é *um distúrbio da sociedade. A violência é um... uma curva numa reta. É... aquilo que desvirtua, é... de um propósito, de um caráter, de uma meta, de um objetivo, e conduz alguém, ou alguns, a uma... uma atitude deplorável, diferente, diferente do que é o original, do que é o normal. E a violência tira também pessoas de sua rota, né?! De sua meta, de seu propósito... é... seja a própria pessoa que comete violência*

ou a pessoa a qual tá sendo vítima da violência. Então a violência é... ela é ruim para dois lados, né, não só pra pessoa que é afetada, mas pra pessoa que comete também; ela sai do seu propósito, de sua rota quando ela comete violência. Então, a violência é um distúrbio da sociedade, eu entendo assim. (grifos nossos).

Na primeira resposta dada, é possível observar o farto uso de metáforas por parte do entrevistado para argumentar sua visão acerca das violências. Podemos considerar como uma *metáfora expandida* a sequência do trecho: “[a violência é] *um distúrbio da sociedade, uma curva numa reta*”. Ora, toda essa figura remete para um mesmo sentido, de desvio, visto que o distúrbio é uma alteração (geralmente patológica) de algo que se espera ser normal, tal como uma “curva numa reta” remete a uma “mudança de caminho”, algo que se desvia do esperado. Ou seja, a violência é um desvio do que se espera da sociedade, e não só dela, mas também dos indivíduos.

Podemos notar isso no trecho seguinte, combinando a figura de pensamento da *conglobação* com a figura de construção da *gradação*, que coloca termos em ordem crescente: “[violência é] *aquilo que desvirtua... de um propósito, de um caráter, de uma meta, de um objetivo, e conduz alguém, ou alguns, a uma... uma atitude deplorável, diferente, diferente do que é o original, do que é o normal*”. O sentido segue a lógica do desvio, mas agora aplicando-o não só para a sociedade como todo, mas aos indivíduos. Isso vai se acentuar na segunda resposta, na qual “Educador A” argumenta que percebe a violência como individual e coletiva. O discurso acerca dessa questão se encerra em sua terceira resposta, em que reitera na *metonímia* presente na noção da violência como “*algo fora de uma natureza*” (em que “natureza”, nesse sentido, designa um termo que possui com ele um vínculo habitual, o de “normalidade”), que sua posição é de estranheza às violências – individuais ou coletivas.

Por conseguinte, as representações sociais são construídas por temáticas, que geram os argumentos que vão defender o núcleo figurativo. Tais temáticas, recorrentes nas representações de violências partilhadas por esses educadores, vão variar em argumentos, ora pendendo mais às explicações de ordens sociais, ora às de base psíquicas. Essas formas de argumentar, por sua vez, podem partir desde uma crença comum partilhada por esse grupo social (no caso, a religião cristã), quanto por um filtro sociocognitivo (como visto na segunda hipótese do paradigma das três fases de Doise) próprio, oriundo das experiências particulares de cada membro do instituto.

Desse modo, o núcleo figurativo aqui apresentado vai passar pelas quatro temáticas presentes nas representações sociais de violências encontradas; são elas:

Ilustração 1 – Quadro das temáticas de análise das metáforas dos discursos retóricos

Temática	Figura correspondente
1. Violência como patologia	“A violência é uma doença.”
2. Ausência de poderes	“... uma criança abandonada.”
3. A vulnerabilização	“... uma criança com medo.”
4. A criminalidade	“... por se envolver com meninos do tráfico.”

Fonte: Lopes (2023).

Nos discursos analisados, uma das figuras que melhor condensam o significado implícito na primeira temática, de violência como patologia, está presente na *metáfora* usada pela “Educadora B” em sua entrevista para esta pesquisa. Quando a integrante do projeto foi solicitada a resumir sua prática na instituição em duas palavras ou imagens, ela respondeu o seguinte:

Trecho de entrevista com “Educadora B”. Local: Projeto socioeducativo – Complexo do Salgueiro. Data: 07/08/2021 às 10h.

“**Educadora B**”: Eu nunca pensei nisso. É... eu vou falar palavras, porque se elas já são difíceis, imagina imagens. Como imagem... eu... eu vou colocar um *hospital*, que já é uma palavra. Eu acredito muito que estamos aqui também, né, *como uma cura para essas pessoas. Até porque a violência é uma doença. Isso não é normal.* Eu acredito muito nisso. (grifos nossos).

Antes mesmo da *metáfora* principal que analisaremos, chama a atenção uma primeira *metonímia*, expressa pelo símbolo “*hospital*” atribuído ao projeto social. Ora, o hospital serve, logicamente, para receber aqueles são afetados por alguma doença ou mal-estar específico. Tal figura serve de preparação para a importante *metáfora* utilizada na sequência do discurso: “*a violência é uma doença*”. Por quê? Porque “*isso não é normal*”. Nota-se, aqui, que a violência, como dito, não é enxergada como algo normal, mas como um desvio daquilo que era o esperado por aquele grupo social.

Na sequência, o trecho que melhor exemplifica a segunda temática, da ausência de poderes como possível causa desse desvio que é a violência, manifestada de forma patológica, está contida na figura “... *uma criança abandonada*”, parte da entrevista do “Educador C”:

Trecho de entrevista com “Educador C”. Local: Projeto socioeducativo – Complexo do Salgueiro. Data: 10/06/2021 às 12h30.

Lucas: E por último, duas palavras ou imagens que pra você representam o que é violência.

“**Educador C**”: Ah... a maior violência que eu vejo aqui... e que *é de partir o coração, é quando uma criança é abandonada.* E aí eu falo, talvez... *trazendo uma imagem de uma criança que é abandonada.* Ela pode ser abandonada pelos pais... do ponto de vista de incentivo, de afeto, pela sociedade. Porque você vê, as pessoas falam... que... que o menino tem cara de bandidinho. *Eu costumo dizer que pessoas de bem são muito perigosas e são capazes de fazerem coisas muito ruins... e ofenderem crianças de formas terríveis. Então as crianças*

podem ser abandonadas por quem elas amam, pelo governo, pelo... pelo sistema. Elas podem ser abandonadas de diversas formas. É o abandono da criança é a pior coisa que pode acontecer. (grifos nossos).

Há algumas figuras retóricas importantes para entendermos a estrutura do argumento desse educador. A primeira delas, referente ao que ele diz sentir ao ver uma criança abandonada, se expressa na *hipérbole* “é de partir o coração”. Na sequência, “Educador C” condensa sua imagem de violência na *metonímia* “uma criança que é abandonada”, em que esse “abandono” simboliza diversos tipos de omissões e ausências de poderes – e por isso se caracterizando como uma figura retórica. Ele explica: “*abandonada pelos pais (...) de incentivo, de afeto, pela sociedade*”.

Na terceira temática, aparece a metáfora da “criança com medo”. Considerando também nosso núcleo figurativo das representações sociais de violências, apontando para uma noção de desvio, tal como as temáticas da patologia e do abandono já desenvolvidas, podemos afirmar que tal figura aqui trabalhada se torna “anormal” (ou “desviada”, para manter o termo) quando a criança perde seu caráter de inocência e fragilidade, por exemplo, ou o medo deixa de ser um simples estado e se torna patológico.

Em resumo: o medo não é, necessariamente, atípico, mas pode vir a ser percebido (ou mesmo se tornar) uma patologia quando em níveis inaceitáveis aos parâmetros de um determinado grupo. Muito desse inaceitável pode nascer quando se trata de crianças, já que a visão moderna sobre essas lhe atribui um sentimento de pureza. Observemos na sequência um exemplo:

Trecho de entrevista com “Educador D”. Encontro virtual. Data: 27/07/2021 às 16h.

Lucas: E agora... pra encerrar de vez, duas palavras ou imagens que representam a violência pra você:

“Educador D”: Eu acho que a melhor imagem que eu posso pensar disso aí é um... a melhor não, a pior na verdade, é de que *a violência é uma criança com medo*.

L: Uma criança?

ED: É... porque eu acredito que ela causa isso em algumas pessoas, o medo, *mas por trás daquela arma tem alguém com medo também*. Aí, quando vejo um pai batendo numa criança, é outro, uma pessoa com medo que tá batendo também. Entendeu? *Quando eu vejo um cara com uma arma na mão, no Salgueiro, é uma criança com medo, com arma na mão*. É complicado pensar nisso, é muito complexo pra mim, mas... eu só vejo isso.

L: Acho que foi uma imagem ótima! Ainda mais que você aplicou em várias situações.

ED: *Uma criança com medo não me bota medo! Aí eu não tenho medo de violência...* (grifos nossos).

No relato destacado, o discurso de “Educador D” tem como base a metáfora “*a violência é uma criança com medo*”. Na sequência, peço para ele explicar de maneira mais aprofundada o que ele entende como isso. Por que uma criança? O educador desenvolve o argumento: “... *porque eu acredito que ela [violência] causa*

isso [medo] em algumas pessoas... mas por trás daquela arma tem alguém com medo também”. Nesse trecho em destaque, “aquela arma” funciona como uma espécie de *sinédoque*, simbolizando da parte para o todo, o que “Educador D” entende como criminalidade (aqui tratada como uma manifestação de violência). Ao dizer que “por trás” (*metonímia*) disso existe “alguém com medo também”, ele revela sua percepção não sobre a criminalidade em si, mas sobre as pessoas envolvidas no crime: alguém traumatizado também, frágil, vulnerabilizado.

O raciocínio fica sintetizado na *metáfora* seguinte, variação da primeira: “Quando eu vejo um cara com uma arma na mão, no Salgueiro, é uma criança com medo, com arma na mão.” (também o termo “arma na mão”, repetido na frase, funciona como *enalepse*). Isso significa que a violência mais bem percebida por ele (aquela *direta*) é a criminalidade, expressa pela arma de fogo. Essa, por sua vez, é protagonizada por alguém mais frágil do que aparenta ser. Por isso, o diretor do projeto conclui, novamente utilizando, combinadas, as figuras da *metáfora* e da *enalepse*: “Uma criança com medo não me bota medo! Ai eu não tenho medo de violência...”.

Frente às dificuldades de desenvolver práticas socioeducativas num espaço onde o domínio do crime organizado é bastante evidente, os integrantes do projeto assumem as adversidades encontradas nos seus trabalhos. É o que observamos na quarta temática. Pensando nas entrevistas do nosso grupo social investigado, não são poucos os discursos que apontam para o “aliciamento” sofrido pelas crianças do Salgueiro por parte dos criminosos. Todo esse processo é visto como uma espécie de “potencializador” de violências. Vejamos um exemplo:

Trecho de entrevista com “Educadora E”. Local: Projeto socioeducativo – Complexo do Salgueiro. Data: 12/06/2021 às 12h.

Lucas: Você acredita que a sua prática pode interferir na violência observada no local?

“Educadora E”: Parece um... trabalho de formiguinha, aos pouquinhos. Mas eu acredito que sim, *mesmo que a gente não consiga mudar a estrutura de uma hora para outra*, né. Mas... eu vejo que, *quando a violência é alimentada aqui, na questão do tráfico, é com crianças que são aliciadas*. E se a gente se esforçar para quebrar isso lá no início, eu acredito que isso vai ter um impacto, de alguma forma vai. O nosso desejo é que tudo isso mude, *mas tudo o que podemos fazer... a gente faz*. Isso porque não adianta ter um desejo de ver tudo diferente, mas... mas não estar disposto a fazer isso, nem que seja por uma pessoa ou uma família. (grifos nossos).

No trecho de “Educadora E”, a educadora utiliza-se do *símile* “trabalho de formiguinha” para designar o tipo de ação que realiza na comunidade para combater às violências, reconhecendo que, ainda que “*não consiga mudar a estrutura*” (com uso de uma *metonímia* ao usar o termo “*estrutura*”), seu papel no Salgueiro é eficiente. Na sequência, faz uso do termo “alimentar” em sentido metafórico e de “tráfico” como *metonímia* para caracterizar a relação entre a violência e a criminalidade: “*a violência é alimentada aqui, na questão do tráfico*”. Por fim, vale destacar também, ao

retomar seu argumento inicial (*expolição*), que o plano educativo dela seria tentar ajudar “*nem que seja por uma pessoa ou uma família*”.

CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa de “estado da arte” que realizamos para este artigo, ao analisar a literatura existente sobre representações sociais da violência, evidencia-se a importância de expandir o escopo das investigações para além dos grupos e temas que têm recebido atenção predominante na academia. É fundamental que novos estudos aprofundem a relação entre as representações sociais de violência e contextos específicos, como as favelas e o estado do Rio de Janeiro, locais que, apesar de corriqueiramente associados à violência no imaginário popular, não têm sido suficientemente explorados academicamente. O desenvolvimento de tais pesquisas, especialmente em nível de doutorado, pode contribuir para uma compreensão mais complexa das violências, ao considerar as particularidades de grupos que, até então, foram marginalizados nas investigações.

Outro ponto crucial é a ampliação do uso da abordagem societal da Teoria das Representações Sociais para explorar as violências como fenômenos coletivos e dinâmicos – e não apenas como eventos isolados. A aplicação dessa perspectiva possibilita desvelar como diferentes atores interpretam e respondem às violências em suas variadas manifestações. Com isso, o estudo de caso que apresentamos na sequência visa contribuir para a ampliação teórica e metodológica do campo, reforçando a importância de análises que dialoguem tanto com o contexto social e histórico das violências quanto com as complexidades das representações sociais.

Em relação ao referido estudo apresentado, como pudemos perceber a partir dos resultados da pesquisa, muito se tinha de “estranheza” por parte dos educadores ao ter experiências no Complexo do Salgueiro, sobretudo, pela intensa presença de uma criminalidade armada (entendida muitas vezes como correlata à violência em si). Assim, a partir de suas relações sociais e cognitivas estabelecidas, tal como das suas crenças comuns anteriores, o grupo social passou a entender essa violência contida no local como uma forma de desvio. Esse desvio, por sua vez, pode ser entendido tanto a partir de critérios sociais e culturais, quanto por valores religiosos.

Claro, ainda que essa noção de desvio esteja bastante presente em todos os discursos relatados acerca da violência, existiram diferenças entre uma fala e outra, mostrando variações entre as formas que os indivíduos se relacionavam com nosso objeto de pesquisa. Isso se dá pelos diferentes filtros cognitivos de cada uma dessas pessoas. Que filtros são esses? Como o corpo de integrantes da instituição é bastante heterogêneo, o perfil dos educadores é distinto: existem trabalhadores da educação, estudantes, pessoas com experiência missionária religiosa, profissionais da saúde, entre tantos outros casos. Isso fez com que, ainda que houvesse um certo consenso de entendimento acerca da violência – e outros temas importantes para aquele contexto –, existissem variações entre um membro do grupo e outro.

Levando todos esses aspectos em consideração, as práticas socioeducativas ficaram marcadas por essas representações de violências, como também pudemos acompanhar no desenvolvimento das quatro temáticas do tópico anterior. Na primeira delas, acerca das violências como patologias, entende-se, por parte dos educadores, que o Salgueiro passa por certa “desorganização social”, que muitas vezes vai “contaminar” as crianças do local e desviaram-nas do que deveria vir a ser suas infâncias – na compreensão do que é preferível para aquele grupo.

Na segunda temática, sobre a ausência (ou pouca efetividade) dos poderes na comunidade, o Estado e a família são apontados como principais “culpados” pelo “abandono” de muitas das crianças do Salgueiro. A atitude do instituto nessas situações é de tentar suprir o que eles acreditam que seria o “necessário” na vida dessas crianças, o que elas deveriam estar recebendo para seguir um caminho mais adequado.

Em relação à vulnerabilização das pessoas do Complexo do Salgueiro – terceira temática –, enxergada maiormente nas crianças, notou-se a percepção, por parte dos educadores, de um atípico (e sistemático) sentimento de medo na comunidade. Aqui, a maior influência na tomada de decisões dos educadores foi a visão que eles construíram de que precisariam agir de modo a oferecer maior confiabilidade para a comunidade como um todo.

Por fim, na quarta temática, acerca da criminalidade, é percebida uma noção de que essa ampliaria as manifestações de violências num dado local. Sendo assim, seu projeto educacional atuaria como uma espécie de “rival” dos grupos criminosos daquele espaço, buscando influenciar as meninas e os meninos do Salgueiro com valores opostos aos desses indivíduos. Esses criminosos, por sinal, também foram representados muitas vezes a partir da figura do “menino” pelos educadores, indicando que esses também poderiam ser, sobretudo, pessoas patologizadas, abandonadas e vulnerabilizadas.

Podemos inferir então, a partir dos resultados alcançados na já referida investigação que embasa este artigo, que a *violência direta*, como era previsível, foi a mais notada no trabalho. Todos os entrevistados enxergavam que existiam situações de agressão frontais à vida do outro em larga escala naquele ambiente de pesquisa. De forma um pouco mais surpreendente, pudemos concluir também que a *violência estrutural* é percebida (e representada como tal) pelo grupo de entrevistados. Em diversas práticas e relatos, foram identificados por esses educadores que os moradores da favela investigada na pesquisa – o Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo-RJ – tinham condições e chances de vida desiguais. Por outro lado, violências dos tipos *culturais* e *da positividade* apareceram menos nesse material de pesquisa (diários de campo somados às entrevistas), não tendo tido recorrência suficiente para serem consideradas representações sociais dentro daquele grupo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Rodrigo Augusto Duarte. Considerações sobre a violência pela ótica de Johan Galtung: alguns aspectos do terrorismo e o advento da intolerância. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n. 19, p. 101-116, 2015.

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Folha de SP, 2015.

DOISE, Willem. Atitudes e representações sociais. In: JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ – Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, p. 187-204, 2001.

DOISE, Willem. Da Psicologia Social à Psicologia Societal. **Psicologia: Teoria e pesquisa**. Brasília, v. 18, n. 1, p. 27-35, 2002.

FERREIRA, Arthur Vianna; SIRINO, Marcio Bernardino; MOTA, Patrícia Flavia. PARA ALÉM DA SIGNIFICAÇÃO 'FORMAL', 'NÃO FORMAL' E 'INFORMAL' NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA. **Interfaces Científicas – Educação**, v. 8, n. 3, p. 584–596, 2020.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 79, 2002.

GALINKIN, Ana Lúcia; ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; ANCHIETA, Vânia Cristine Cavalcante. Representações Sociais sobre Juventude e Violência. **Paidéia**, v. 22, n. 53, p. 365- 374, 2012.

GALTUNG, Johan. Cultural Violence. **Journal of Peace Research**, Noruega, v. 27, n. 3, p. 291-305, 1990.

GALTUNG, Johan. Violence, Peace and Peace Research. **Journal of Peace Research**, Noruega, v. 6, n. 3, p. 167-191, 1969.

GALTUNG, Johan. La violencia: cultural, estructural y directa. **Cuadernos de estratégia**. Espanha, n. 183, pp. 147-168, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. 2ª edição ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017a.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da Violência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017b.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da Fenomenologia**: Cinco Lições. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

LOPES, Lucas Salgueiro. **A violência é uma criança com medo**: educação social, marginalidade e representações sociais de violências no Complexo do Salgueiro.

Dissertação (Mestrado em Educação – Processos formativos e desigualdades sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, 2023.

LOPES, Lucas Salgueiro; FERREIRA, Arthur Vianna. Convivência, afetividades e Educação para Paz como elementos de práticas educativas não escolares em contextos de violências. **Cadernos do CEAS**, v. 46, n. 252, p. 74-102, 2021.

MACHADO, Monique Maria Marques. “**O que vem do outro**”: representações sociais de professores do ensino fundamental sobre violência. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Metáfora: figura argumentativa central na coordenação discursiva das representações sociais. In: CAMPOS, Pedro Humberto Farias; LOUREIRO, Marcos Correa da Silva (Orgs.). **Representações Sociais e Práticas Educativas**. Goiânia: Ed. UCG, p. 89-102, 2003.

MISSE, Michel. Violência e Teoria Social. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 9, n. 1, pp. 45-63, 2016.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais - Investigações em Psicologia Social**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

NAIFF, Luciene Alves Miguez *et al.* Ensino Público e Privado: Comparando Representações Sociais de Professores sobre suas Habilidades. **Psicologia em Pesquisa**, v. 4, n. 1, p. 57-64, 2010.

NAIFF Luciene Alves Miguez; NAIFF, Denis Giovanni Monteiro. A favela e seus moradores: culpados ou vítimas? Representações sociais em tempos de violência. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 5, n. 2, p. 107-119, 2005.

PAULA, Alexandre da Silva de; KODATO, Sérgio; DIAS, Francielle Xavier. Representações sociais da violência em professores da escola pública. **Est. Inter. Psicol.**, Londrina, v. 4, n. 2, p. 240-257, 2013.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. Representações sociais de jovens sobre violência e a urgência na formação de professores. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 14-15, p. 347- 367, 2002.

PORTO, Maria Stela Grossi. A violência, entre práticas e representações sociais: uma trajetória de pesquisa. **Revista Sociedade e Estado**, vol. 30, n. 1, 2015.

PORTO, Maria Stela Grossi. Crenças, valores e representações sociais da violência. **Sociologias**, ano 8, n. 16, pp. 250-273, 2006.

RABELO, Orlando Carneiro Campello. **Juventudes e políticas em debate:** representando a violência. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RIBOLLA, Maria Beatriz; FIAMENGHI JR., Geraldo Antonio. Adolescentes na escola: representações sociais sobre violência. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional** (ABRAPEE), v. 11, n. 1, p. 111-121, 2007.

SILVA, Álvaro Cabral da. **Os jovens e suas representações sociais de violência.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2006.